

}3.1.

VILLELA-PETIT, Maria – *Incursions en Grèce ancienne: En compagnie des Anciens et des Modernes.*

Paris: Librairie orientaliste Paul Geuthner S. A., 2015, 243 p.

Esta obra constitui uma recolha de estudos realizados pela autora que são consequentemente o reflexo da sua atividade académica, bem como da sua prática de investigação. Em breves palavras podemos apresentar o percurso académico e científico da professora Maria Villela-Petit, que tem várias publicações, sobretudo em França, e mais recentemente também no Brasil, de onde é originária, ainda que resida no seu país de acolhimento desde 1962. De facto, Villela-Petit estudou a Fenomenologia sob a direção do Professor Paul Ricœur, e desde 1968 é Investigadora no CNRS em França. Aí realizou a sua investigação nos Arquivos de Husserl de Paris. A partir dos anos 80 segue também o curso de Filosofia antiga, dirigido por Pierre Aubenque, manifestando nos seus posteriores estudos uma ponte entre a filosofia antiga e a área da fenomenologia, da filosofia da existência e da estética, de que esta publicação é representativa. Maria Villela-Petit foi professora de estética no Instituto Católico de Paris, tendo também lecionado cursos que se dedicavam ao estudo da relação entre Filosofia e Poesia, Poesia e Pintura e Arte e Verdade. A autora tem mantido ao

longo dos anos uma publicação constante em torno de autores como Husserl, Heidegger, Simone Weil, Paul Ricœur e Merleau-Ponty, e ainda estudos ligados à estética e à fé cristã. Para além de tudo isto, é membro do Comité editorial das *Obras Completas* de Simone Weil e mantém uma colaboração assídua com a Associação Benjamin Fondane.

Este ensaio contém nove estudos, todos eles dedicados a temas ou a personagens do mundo grego antigo, analisados de forma direta ou indireta e que foram objeto de uma primeira versão em forma de publicação em diversas revistas ou obras coletivas, de 1991 a 2008. Encontramos assim, na primeira parte, cinco estudos: o primeiro dedica-se a uma reflexão sobre a arte plástica no *Sofista* de Platão, o segundo à poesia na República de Platão, o terceiro à função dos pintores na *Poética* de Aristóteles, e os dois últimos ensaios dedicam-se a uma interpretação que os próprios títulos expressam: "A força das palavras", a respeito da «Estranha morte de Pátroclo» na *Iliada* de Homero, e "O desafio das vozes" no *Filocteto* de Sófocles. A segunda parte contém quatro estudos que se focalizam numa leitura da receção do pensamento

grego e na evocação da Grécia antiga, em autores contemporâneos. O primeiro ensaio da segunda parte evoca o *Filocteto* de Sófocles e explora o desafio que este drama peculiar na criação sofocliana representa para a recriação do drama do *Filocteto* de Benjamin Fondane. O segundo expõe Heidegger e Platão a respeito da arte grega. O terceiro aborda as interpretações heideggerianas de Platão, e o último, a confrontação entre Heidegger e Simone Weil, a respeito da Grécia.

Como refere a autora, estes ensaios não são do domínio exclusivo dos *Estudos Clássicos Antigos*, mas manifestam uma relação embrionária com a filosofia; por isso, "há sempre uma relação mais ou menos implícita com os Gregos" (prefácio). No entanto, a admiração da autora pelos Gregos não se confina ao domínio da filosofia, mas vai muito para além dele. De facto, os poetas e os artistas mantiveram com a filosofia uma constante relação criadora, tal como Villela-Petit afirma ao citar Kant na sua *Crítica da Faculdade de Julgar*: "os poetas fazem-me pensar".

O primeiro estudo analisa, de forma detalhada a questão da imagem artística na *Sofista* de Platão. Trata-se de um estudo publicado em 1991, na obra coletiva "Études sur le Sophiste de Platon". O objetivo deste ensaio é expor o papel que desempenha "o drama do original e da imagem" no diálogo platónico, e a forma como a imagem artística dá lugar a uma melhor perceção do papel que Platão faz jogar, quer para o pintor, quer para o escultor, considerando-os como um *analogon*, de modo a fazer sobressair a distinção entre o sofista e a sua atividade, bem como entre o sofista e a filosofia. O detalhe da análise de Villela-Petit mostra, por um lado, o conhecimento da reflexão platónica em torno do problema da arte, sem cair no lugar-comum tão habitual de que Platão despreza os poetas e a arte

de imitação (*mimesis*). O estudo revela na sua análise como a arte mimética na produção artística expõe ao vivo a distinção entre "o drama do original e da imagem" fazendo corresponder também ao "drama da homonímia". A partir daqui, Villela-Petit demonstra como a prática da homonímia está presente na pintura e não somente na filosofia da arte. Já para a escultura o modelo que vigora é o da *summetria*. O segundo estudo analisa a ideia de poesia na *República* de Platão através da "velha divergência" entre filosofia e poesia. Villela-Petit explora a posição de Platão, concentrando-se sobretudo nos livros III e X da *República* e apontando para uma reflexão aprofundada de termos e conceitos platónicos que manifestam uma sutileza na sua análise; e revela frequentemente os paralelismos entre as expressões poéticas de Homero e Hesíodo e o contexto da *República*, como é o caso do par distintivo entre *eidôlon* e *eikôn* no seu ideário platónico filosófico-poético (p. 50). O terceiro ensaio aborda a questão dos pintores na *Poética* de Aristóteles. A autora explora um assunto pouco afluado: a relação entre Poesia e pintura no contexto da *Poética*, revelando a diferença entre uma e outra representação, e definindo a *mimesis* aristotélica não como uma imitação-cópia, mas antes como um "poder de esquematização, de figuração comum a todas as artes" (p. 82).

O quarto ensaio evoca a morte de Pátroclo e o regresso de Aquiles no canto XXII da *Iliada*, cujo episódio é afluado por Simone Weil em "«L'Illiade ou le poème de la force»" – texto escrito significativamente em 1938-39 – para distinguir a figura particular de Pátroclo no seio de uma consideração mais geral sobre a situação de guerra" (p. 83). Villela-Petit explana significativamente a linguagem poética e performativa dos heróis em Homero, realçando não somente a

linguagem narrativa ou *diegética* mas também aquela que é dada à *mimesis*. O último ensaio da primeira parte aflora o *Filocteto* (*Philoctetes*) de Sófocles e explora o jogo de vozes no seio desta tragédia que é, de entre a trilogia sofocliana, *Rei Édipo*, *Édipo em Colônia* e *Antígona*, o drama que, entre os filósofos (veja-se por exemplo Hegel quanto ao significado de Antígona), menos reconhecimento ou menor renome adquiriu (p. 95). Há, contudo, exceções como é o caso de Kierkegaard, que compara Filocteto com Job em *Repetição*. O interesse deste ensaio é, precisamente, realçar um personagem que, na linguagem poética e na expressão personificada da sua angústia, retrata alguém que, segundo as suas próprias palavras, é a vivência de quem se define como "sem amigos, solitário, sem cidade e um cadáver por entre os vivos" (ἄφιλον, ἔρημον, ἄπολι, ἐν ζώσιν νεκρόν, p. 97).

Na segunda parte, o primeiro ensaio retoma o *Filocteto* de Sófocles e abre-se a uma leitura do personagem recriado por Benjamin Fondane (1898-1944), poeta, dramaturgo e filósofo existencialista franco-romeno de raízes judaicas: "Philoctetes. A Dramatic Poem". O drama encontra-se ainda no original manuscrito francês. Há uma tradução inglesa realizada por Eric Freedman e é a partir dessa tradução que Villela-Petit faz o seu estudo. Contudo, a autora teve acesso, por amável cedência, ao manuscrito original francês, depositado na Biblioteca Doucet (p. 124). O intento de Villela-Petit é abordar o *Filocteto* sofocliano comparando-o com o *Filocteto* de Benjamin Fondane, explorando os elementos díspares ou concordantes, por vezes por intermédio de outras "vozes", ou seja, outros autores, como, por exemplo, a filósofa Simone Weil e o escritor André Gide.

O segundo e o terceiro ensaios fazem leituras sobre Heidegger e Platão

a respeito da arte e da interpretação heideggeriana do filósofo grego. Nestes dois textos Villela-Petit expõe com sobriedade e rigor a questão da arte em Platão, explorando por entre os diversos textos do filósofo, a noção de arte que, segundo Heidegger se dá conjuntamente com o começo da metafísica. Por detrás e para além dos conceitos das obras de arte (*Bildenwerken*) (p. 141), a leitura de Heidegger é a de considerar que a relação estética com a arte começa precisamente onde a essência da verdade (*Alêtheia*) se transforma em *homoiosis*, em adequação (*Angleichung*), em justeza (*Richtigkeit*) da apreensão (*Vernehmens*), da representação (*Vorstellens*) e da apresentação (*Darstellung*). Esta transformação tão poderosa começa precisamente com Platão (p. 141). Os textos de Heidegger são aqui convocados de forma ampla e sugestiva, ainda que aprofundada, dando particular relevo à questão da ultrapassagem da estética, no sentido moderno, por meio de uma reavaliação dos conceitos que são retomados da tradição grega, mormente daqueles que são de origem aristotélica (p. 142). O terceiro ensaio retoma Platão como autor de referência, sobretudo depois da *Kehre*. As análises de Villela-Petit revelam um conhecimento do filósofo alemão a respeito da apropriação platónica, ainda que centrada na temática. Os cursos de Heidegger sobre o *Parménides* e sobre o *Sofista* são aqui claramente convocados para uma melhor elucidação do pensamento heideggeriano a respeito de Platão, marcando a diferença entre o tratamento das temáticas platónicas em *Ser e Tempo* e o das que se seguem nos textos posteriores, como por exemplo *Das Wesen der Wahrheit* (vejam-se pp. 170-176).

O último ensaio aflora as diferenças que opõem Simone Weil e M. Heidegger a respeito da Grécia. Neste ensaio é bastante sugestiva a diferença entre a leitura

de Heidegger e a leitura de Simone Weil sobre o Bem em Platão (pp. 201-206). É um dos momentos mais significativos deste ensaio, para além daquele que consiste precisamente em dizer que «a cada pensador a sua Grécia». Mas é por esta situação simbólica ou outra que todo o filósofo se sente interpelado quando faz a sua experiência de pensar.

Villela-Petit manifesta nestes ensaios um claro conhecimento da cultura clássica, na sua vertente poética e filosófica. Mas manifesta igualmente um

conhecimento sobre os autores contemporâneos que estudam os filósofos gregos e a cultura clássica grega. Na verdade, não tendo a autora a pretensão de situar os seus artigos no âmbito dos Estudos clássicos, encontramos, contudo, nalguns deles uma profundidade e um conhecimento dos textos poéticos e filosóficos gregos que bem poderiam ser incluídos neste domínio. É por isso uma obra vivamente aconselhada. Apresenta no final uma bibliografia e um índice de autores que muito ajudam o leitor.

Maria Manuela Brito Martins